

A EXPLOSÃO DA FOME NO RIO

‘Só tenho o que comer quando acho no lixo’



Denise da Silva busca comida nos restos deixados no lixo da Ceasa

Na série de reportagens que começa hoje, o EXTRA mostra o drama de milhões de famílias que passam fome. No Estado do Rio, o número de pessoas que não têm o que comer aumentou 400% nos últimos quatro anos. Moradora da favela Para Pedro, em Irajá, Denise da Silva, de 51 anos, depende do que é jogado fora na Ceasa para colocar comida no prato.

‘Outro dia briguei com um cachorro por um pacote de salsicha.’ **PÁGINAS 3 E 4**

A DOR DA FOME

Mulheres se unem para catar comida no meio do lixo na Ceasa, em Irajá

Rafael Galdo, Natália Oliveira e Domingos Peixoto
grandorio@oglobo.com.br

Na montanha de lixo vindo da Ceasa, em Irajá, Ana Lúcia dos Santos, de 47 anos, mergulha metade do corpo, em busca de tomates que possam ser aproveitados. Claudia Brito Monsoreis, de 51 anos, não tem medo de escalar o monte de restos atrás do sustento dela, da filha, da neta e do marido. Cristina Maia Antonio, de 62, e Denise Anacleto da Silva, de 51, não esmorecem para carregar as caixas pesadas com maracujás, melancias e limões que vão garantir algum alimento em casa. Elas são o retrato, cada vez mais cruel, de uma realidade diagnosticada numa pesquisa divulgada ontem: a escalada da fome no Rio de Janeiro, que aumentou 400% de 2018 para cá e atinge 2,8 milhões de pessoas no estado.

Na mesma montanha de restos, Jacira da Conceição dos Santos, de 59 anos, separa o que vai levar à panela do fogão a lenha improvisado no quintal de casa porque, naquela semana (como em muitas nos últimos anos), o gás já tinha acabado e não havia dinheiro para outro botijão. As cinco integram uma espécie de rede de solidariedade formada basicamente por mulheres que, ao catarem alimentos em meio ao descartado da Central de Abastecimento, tentam encontrar juntas também um fio de esperança para se manter de pé e com uma vida melhor.

SOLIDARIEDADE

No meio da tarde do último dia 24 de maio, com água e apenas uns pedaços de melancia no estômago, enquanto espera a chegada dos caminhões de lixo, Jacira chega a chorar ao lembrar das dificuldades até para comer com quase 60 anos. Para ser consolada, ganha um abraço coletivo das amigas. E Denise seca as lágrimas dos olhos da vizinha de comunidade, a favela Para Pedro, em Irajá. E cada uma vai descartando as histórias que as levaram até ali.

Denise tinha deixado a catção quando conseguiu um trabalho com carteira assinada, como empregada doméstica, na Vila da Penha, também na Zona Norte do Rio. Mas, em maio de 2021, foi mandada embora pelo patrão advogado, que justificou também estar sofrendo a pressão financeira da pandemia. Então, ela voltou ao lixo, enquanto sonha em poder ir ao supermercado e poder encher o carrinho com o que ela quiser.

— Só tenho o que comer quando acho no lixo. Que alegria que seria ir ao mercado, com meu dinheiro, fruto do meu trabalho, para escolher o que vou comer, e não esperar alguém jogar fora para me alimentar — diz Denise, sem esconder tamanho das incertezas com o armário e a geladeira apenas com os produtos que sobram da Ceasa. — Fariinha? Toda casa de pobre tinha fariinha para misturar com água. Na minha não tem mais. Outro dia, aqui no lixo, um cachorro saiu com um pacote de salsicha na boca. Eu sai correndo atrás dele para pegar.



Jacira faz parte de um grupo de mulheres que se junta para catar comida na Ceasa

À PROCURA DE RESTOS

DRAMA DIÁRIO

Números trágicos
Estudo mostra que 38,58% das mulheres que lutam pelo sustento de suas famílias passam fome atualmente



RNúmero de pessoas que recolhem alimentos na Ceasa tem aumentado

O grupo mais vulnerável

Historias como as das catadoras de Irajá revelam o que estudos vêm apontando: a "feminização da fome", como classificou uma pesquisa da FGV Social. Entre 2019 e 2021, o levantamento identificou que aumentou de 33% para 47% a parcela das mulheres no país que não tiveram dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento nos últimos 12 meses. Já entre os homens, houve uma redução, de um ponto percentual, de 27% para 26%.

A "Agenda Rio 2030 - propostas por justiça econômica, racial, de gênero e climática", da Casa Fluminense, por exemplo, é categórica ao

afirmar que, em mais um ano de pandemia que acirrou desigualdades, "diversas organizações identificaram que as maiores vítimas da fome e da pobreza são, ainda, as mulheres (cis e trans), pretas, pardas, pobres e moradoras de favelas e periferias".

O estudo da Ação da Cidadania, divulgado ontem, corroborou esses dados. Enquanto 50% dos homens responsáveis por "colocar comida na mesa" estão em situação de segurança alimentar, apenas 38,58% das mulheres que lutam pelo sustento de suas famílias passam fome. Essa diferença também é percebida quando é feito um recorte por cor: 37,61%

dos chefes de família pretos e pardos vivem em situação de insegurança alimentar grave no Rio. Já 55,63% dos chefes de família que se identificaram como brancos não sofrem com nenhum tipo de restrição.

No início do mês, a Ação da Cidadania já havia divulgado um levantamento mostrando que cerca de 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil. O número é quase o dobro do registrado pela ONG em 2020. ▸

NA PÁGINA 4
Detalhes de pesquisa sobre a fome no Rio

Para testar a qualidade dos alimentos

Uma das catadoras de Irajá, Cristina Maia Antonio diz já ter desenvolvido algumas técnicas para checar se o alimento catado no lixo pode ser consumido.

— Quando cai carne dos caminhões, o que é muito raro, a gente observa a coloração dela e o cheiro. O ovo, põe num pote de água. Se afundar, está bom. Para cada alimento, temos um processo — afirma.

Em meio à montanha de sobras Claudia Monsoreis conta que foi obrigada a recorrer aos restos da Ceasa por causa da perda de renda. Ela fazia pelo menos cinco faxinas por semana. Agora, quando muito, faz uma, para complementar os R\$ 400 de auxílio que recebe para sustentar uma casa com quatro pessoas.

— A mulher se sente muito responsável pela família. Pode estar passando mal, sentindo dor, que vai em busca do sustento. Mas a sensação agora é de que não está tendo mais chance de sair disso (da catção de alimentos na Ceasa). Ainda mais quando os preços estão nas alturas — lamenta ela, que mora em Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

Na Ceasa, por sinal, têm vindo cada vez de mais longe as pessoas em busca de comida. Na semana do dia 26 de maio, contam as catadoras, tinham aparecido famílias de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio, de Seropédica e de várias outras cidades da Baixada.

MEMÓRIA

EXTRA revelou garimpo de ossos e penca

Em setembro do ano passado, o EXTRA revelou uma imagem que já traduzia a luta para tentar driblar a fome: em busca de algum alimento, uma fila de pessoas recolhia ossos e penca que haviam sido descartadas de supermercados de dentro de um caminhão estacionado na Glória, Zona Sul do Rio. Os restos eram a esperança de encontrar um pedaço de carne.

Para quem enfrentava a fila, a opção era transformar a penca em gordura frita e os ossos em complemento para engrossar a sopa. Eram desempregados, moradores de rua, ocupantes de imóveis invadidos e até pessoas de outras cidades. Caso de Denise da Silva, que, com cinco filhos e 12 netos, saía duas vezes por semana de São João de Meriti para garimpar restos de carne na Glória.



Imagem do desespero



Desempregado busca ovos, até mesmo quebrados ou podres, para levar para casa

Rafael Galdo, Natália Oliveira e Domingos Peixoto
grandorio@oglobo.com.br

Foi outro dia: mais precisamente 24 de maio, uma terça-feira. Nas caçambas dos caminhões de lixo, Robson Eduardo Santos de Sá, de 40 anos, procurava ovos — mesmo quebrados ou podres. Já que a carne, a preço proibitivo, virou miragem. Essa vem sendo a única fonte de proteína no prato de sua família, que mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ele trabalhava como cuidador de idosos em Copacabana, na Zona Sul do Rio, mas ficou desempregado durante a pandemia. Outras desventuras acabaram de empurrá-lo para a fome. Há seis meses, o jeito tem sido catar comida entre o material descartado na Ceasa, em Irajá, a mais de 20 quilômetros de onde mora.

Robson é uma das cerca de 2,8 milhões de pessoas passam fome hoje no estado do Rio de Janeiro. Os dados foram divulgados ontem no Encontro Nacional Contra a Fome, organizado pela Ação da Cidadania, e fazem parte do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede PENSSAN. Esse número representa 15,9% da população fluminense.

De acordo com a pesquisa, que depois de fazer um levantamento nacional se debruçou sobre a situação da fome nos estados, de 2018 para 2022, houve um aumento de 400% no número de pessoas sem ter o que comer no estado do Rio. Quando se amplia o estudo para as pessoas em situação de insegurança alimentar nos três níveis (leve, moderado e grave), ou seja, aquelas que estão vivendo com algum tipo de restrição no acesso à alimentação, o percentual da população do Rio enquadrada nesse grupo atualmente chega a 60%, contra 32,2% de quatro anos atrás.

NADA DE PROTEÍNA

O diretor executivo da Ação da Cidadania, Rodrigo Afonso, afirmou que os números do estado são assustadores, mas importantes para o governo e a sociedade pensarem em dar solução ao problema. Ele reforçou que a fome tem "CEP, gênero e cor" e que os dados do estado retratam a desigualdade e os preconceitos estruturais de todo o país.

A viagem de Robson à Ceasa, naquele dia, não foi em vão. Ele voltou para casa com algumas espigas de milho, pimentões e maçãs. Ovos, porém, não tinha, em mais uma frustração de uma sobrevivência que, de uma hora para outra, tornou-se severina como ele nunca pôde imaginar.

Assim como a ameaça de não ter o que comer bateu à porta de Robson, de uma ponta à outra do Rio, repetem-se histórias de quem só tem enchido a barriga com a ajuda de doações ou ainda pior: voltou a passar fome ou, pela primeira vez, experimenta o drama de ter as panelas vazias. Especialistas afirmam que, pela falta de pesquisas mais detalhadas e até pelo atraso na realização do Censo no país, se desconhece a dimensão exata dessa tragédia, agravada pelos efeitos da Covid-19, da inflação em alta e da crise econômica.

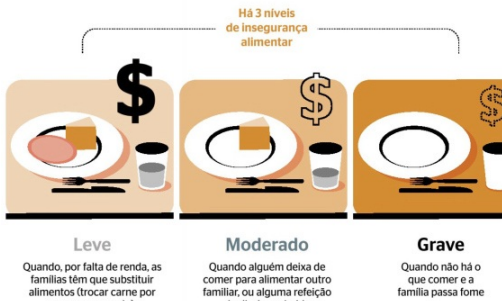
CARNE VIROU MIRAGEM

DADOS CRUÉIS

Comida escassa
Pesquisa mostra que o número de moradores do estado do Rio que passam fome cresce 400% em quatro anos

MISÉRIA EM GÊNERO, NÚMERO E GRAU

Mais da metade da população fluminense vive hoje uma rotina de insegurança alimentar



FONTE: DADOS DA REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR (REDE PENSSAN)

Sem emprego e sem comida

Na casa de Robson vivem ele, a mãe e irmã, que colacionam derrocadas nos últimos dois anos. A irmã, de 37 anos, também trabalhava em Copacabana, como empregada doméstica, e igualmente foi demitida. A mãe gasta toda sua pensão em medicamentos e insumos para tratar de uma úlcera. Não resta absolutamente nada para a comida. E como quem tem fome tem

pressa, Robson vem se virando para não ficar sem comer. — Soube por um grupo de WhatsApp sobre esse descarte da Ceasa. Mas só venho quando tenho o dinheiro da passagem de ônibus. Quando não tenho, cato latinhas e PET para vender para a reciclagem — conta ele, que só em março conseguiu aprovação para receber o Auxílio Brasil. Não é o caso de Fabiana Si-

mone Pompeu Ferreira, 47 anos, moradora da Vila Catiri, em Bangu. Desempregada, assim como o marido, aguarda na fila para ter o benefício. — Já ficamos sem almoço, sem janta. Teve dia de comer só arroz e feijão. Tenho uma filha adolescente, de 15 anos. Ainda bem que ela entende bem nossa situação. Às vezes, come na escola porque sabe que não vai ter em casa.

Crescimento da extrema pobreza

Um sinal da rapidez com que a fome avança no Rio está nos dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), do governo federal. Em todo o estado, o número de famílias em situação de extrema pobreza (com uma renda per capita de até R\$ 105 por mês) inscritas cresceu 59,6% desde abril de 2020, passando de 946.090 para 1.509.899 no mesmo mês deste ano, o que corresponde a 61% do total de cadastrados no Rio (média nacional é 51,9%).

Numa análise por município, cruzando os dados de pessoas cadastradas em famílias em situação de extrema pobreza em abril de 2022 com a estimativa populacional do IBGE para 2021 (a mais recente disponível), os resultados revelam que, só na Região Metropolitana, dos 22 municípios, 15 teriam mais de 20% da população nessa situação de imensas necessidades.

Proporcionalmente, os com mais gente vivendo abaixo da linha da extrema pobreza são Seropédica (42,5%), Nova Iguaçu (37,2%), Belford Roxo (35,3%), Japeri (35,3%) e Tanguá (35,2%).

Só na Nova Iguaçu de Robson, um dos municípios que lideraram o aumento das inscrições no CadÚnico durante a pandemia, a quantidade de famílias em extrema pobreza cadastradas passou de 5.265 em maio de 2020 (podemos pedir o número de abril ao Ministério, uma vez que no portal do CadÚnico não há esse dado) para 9.181 em abril deste ano, um salto de 74,4%.

AMANHÃ
A infância e a velhice desvalidas.